

O ENSAIO

DESCRIPTORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céo subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

Um presente.

A's pessoas que pagarem adiantado o trimestre do nosso periodico, de Julho á Setembro, daremos um volume nitidamente impresso, contendo mimosas poesias e discursos.

O ENSAIO

RECIFE, 30 DE JUNHO DE 1876.

Se ha paginas na historia d'um povo que o engrandecem, que molduram o immenso quadro da humanidade, que marcam éras de prosperidade; se ha datas que se gravam na memoria das gerações que se succedem, recordando a attitudo na luta travada entre a grandeza e a miseria; se ha paginas na historia em que se vê o respeito e a garantia aos direitos do pequeno como do grande, em que a politica não é esta conveniencia parcial que é o sustentaculo d'um governo sandeu; ha tambem paginas em que o povo se degrada, indo envolver-se na mortalha do servilismo, batendo palmas ao despotismo, quando já não tem por seu o limitado espaço da terra em que põe os pés, quando corroidos todos os fructos de seu trabalho, que é sua felicidade, vai render culto com o thuribulo em punho á falsos deuses, que se destacam no meio das praças, pedindo a sua benção; ha datas tambem em que o edificio social ameaça desmoronamento e a sua queda vai sepultal-o para sempre na escuridão dos tempos.

Não basta uma pagina dourada, para encobrir as negras; não é uma vez ter-se tomado assento nos banquetes da altivez, que

autorise a entrada nos da degradação, querendo que não venha o despojo de seu antigo estado.

Roma, Grecia, cujos monumentos attestam bem hoje os seus tempos de grandeza, cujo passado foi uma destas existencias de genios a quem não basta o espectaculo terrestre, cuja historia é a mais bella epopéa das que tem o mappa das nações mais cultas, nos dizem bem o que são a grandeza e a miseria, a altivez e a degradação.

Se havia tempos em que seu povo não podia vencer as difficuldades, que se lhe antolhavam, mais tarde, quebrando os grilhões que manietavam seus pulsos, só e só por iniciativa sua, restaurava a sua independencia; de modo que, ao baquear, não deixasse que seus feitos gloriosos se perdessem, e deixasse traços de seu bem caminhar, que se tornassem indeleveis e servissem de lição á posteridade.

Como da Grecia e Roma, a historia de outros paizes fornecem lições ao povo que caminha ao abysmo.

Nada de silencio. Cada um vibre a arma como puder.

O Brasil, cujas riquezas naturaes não invejam a estes collossos monumentaes, estas marmoreas columnas que se erguem nas praças estrangeiras, fazendo a sua belleza, e que a mão do tempo não poupa, atravessa uma crise indigna de si, propria somente das terras para quem a natureza foi mesquinha.

A avidez do estrangeiro não é desconhecida por nós, e um palmo de sua entrada em nossa patria, fará repetir a palavra—*colonia*—se o povo não despertar.

Trabalhe o povo. Nada de silencio. Cada um vibre a arma como puder.

Se a revolução de 17, 24 e 48 constituem as paginas mais gloriosas da historia brasilei-

ra, trate o povo de mantel-as, afastando de si esta crise em que se estorce, com tanto que os espectros de seus guerreiros não cruzem o espaço, observando a falta de respeito ás suas cinzas, as folhas das suas corôas de louro que murcham, porque a atiraram no lodaçal da corrupção.

Se o Brasil tem paginas na historia que o engrandecem, não deve deixar levar-se pela ociosidade, para que não venha o despotismo reinar e calcar a sua liberdade.

Trabalhe o povo. Salve o perigo que corre sua patria, só e só por iniciativa sua. Vibre cada um a arma como puder.

Dino.

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira e suas obras litterarias.

(CONTINUAÇÃO)

Analysemos agora outra phase da sua vida, mais brilhante por certo, visto como só delle dependia.

Vejamos os louros alcançados por este distincto litterato nos bellos campos da sciencia e da poesia.

Elle pertencia a muitas instituições scientificas, fazia parte, como uma das mais brilhantes estrellas, de ricas constellações litterarias. Era socio fundador do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, socio effectivo do *Club Popular do Recife*, secretario do *Conservatorio Dramatico de Pernambuco*; socio honorario do *Instituto Pio e Litterario*, e do *Gabinete Portuguez de Leitura*; socio correspondente do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, do *Instituto Historico da Bahia*, da *Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio*, e de muitas outras que se honravam em tel-o em seu gremio.

« Que serviço devem as letras á Antonio Rangel de Torres Bandeira? A esta pergunta não serei eu quem responda. (Diz o Dr. José Soares de Azevedo.) A sua corôa litteraria de prosador e de poeta ennastram-na quantos homens competentes hão compulsado os seus trabalhos, quer no Brasil, quer em Portugal. A *Aurora Pernambucana*, de que Torres Bandeira fôra o principal redactor em 1859, é um repositório importante de politica doutrinaria, de critica e de litteratura variada, em que a nossa mocidade tem muito que estudar e que aprender. Os archivos e jornaes religiosos do Rio, da Bahia e do Maranhão, a *Revista Brasileira do Rio*, a *Revista Universal de Lisboa*, a *Revista*

Popular ⁽¹⁾ da mesma cidade, todos esses órgãos da publicidade se honram com os escriptos succulentos de Torres Bandeira. »

Depois que elle conheceu a indifferença com que era tratado pelo partido conservador, que não o tinha em seu seio, e que, todavia (seja dito por amor a verdade) algumas vezes, ainda que poucas, galardou o seu talento, e a ingratidão dos liberaes que delle só se lembravam na época da proscripção, votou-se inteiramente a nobre missão de educador da mocidade, e n'ella gastou os ultimos momentos de sua curta existencia, elle que por ser liberal de convicção *não se sentia de molde para escravo de um partido.*

Além da cadeira de geographia e historia que exercia no Gymnasio Pernambucano, tinha um curso de preparatorios em sua casa e era conhecido como o mestre predilecto das jovens pernambucanas.

Sua vida toda foi dedicada á sciencia, e á transmissão desta á nossa mocidade estudiosa.

O tempo, que lhe restava destas locubrações fastidiosas, elle dedicava á cultura da litteratura e com especialidade da poesia.

Nunca deixou de render oblações ás musas do Parnaso!

Ainda no seu primeiro anno de curso juridico e tendo apenas 17 annos de idade, publicou as suas primeiras obras:—*Oblação ao Christianismo* ⁽²⁾ e o *Eremita de Jaffa*.

⁽¹⁾ O Sr. I. F. da Silva, no tomo 8.º de seu *Diccionario Bibliographico* tratando desse distincto pernambucano (artigo este que foi transcripto na *Opinião Nacional* n. 132 de 7 de julho de 1870) apresenta além dos jornaes citados pelo Dr. José Soares, mais os seguintes em que se encontram escriptos delle:

Archivo e Ecclesiastico do Maranhão; *Noticiador Catholico* da Bahia; *Commercial* do Ceará; *Iris*, *Jornal do Instituto Episcopal Religioso*, *Futuro*, todos do Rio de Janeiro; *Diario de Pernambuco*, *Recreativo*, *União*, *Nacional*, *Paiz*, *Diario Novo*, *Jornal do Commercio*, *Ordem*, *Aurora*, *Atheneu*, *Iris Academico*, *Phileidemon*, *Academico do Norte*, *Polymathico*, *Liberal*, *Commercial*, *Jornal do Recife*, *Amigo dos Homens*, *Voz da Verdade*, *Instituto Pio e Litterario* e *Oriente*, todos desta provincia.

Ainda temos o *Progressista* e a *Opinião Nacional*, no qual foi companheiro de redacção do Dr. Aprigio.

⁽²⁾ Além de outras poesias que onriquecem este volume, é digna de menção uma es-

—em cujas produções, apár do sentimento religioso, admira-se a belleza, e a simplicidade que lhe é característica, porque, como elle mesmo diz—ha mais poesia na singelleza do pincel, na vivacidade das cores, do que nessa moxinifada indigesta de palavras sem pensamento ou antes, de pensamentos vulgares, e por vezes, os mais sedicões e usados nas conversações.

« Ambas estas composições (diz Ignacio Francisco da Silva) foram modeladas pelo character da poesia romantica, sendo a segunda um ensaio da forma especialissima de *Adozinda* do finado Almeida Garrett. Póde-se talvez affirmar que ellas abriram o caminho á cultura da moderna poesia em Pernambuco. »

No seu segundo anno juridico publicou um folheto contendo um *elogio dramatico* representado pelos seus collegas em comemoração ao dia 11 de agosto, e alguns sonetos recitados por elle na mesma solemnidade.

Tres são os sentimentos e por certo muito nobres que moveram a penna do nosso Bernardim Ribeiro ⁽³⁾, taes são: *Deus, Patria e Familia*.

São estas as tres idéas que lhe borbulham na mente e que sempre transparecem em suas poesias.

No seu terceiro anno de academia publicou (segundo diz ainda o Sr. I. F. da Silva)—*Um suspiro á Deus*—interessante poemeto dedicado ao distincto poeta e orador pernambucano vigario Barreto, e no quarto anno—*Harmonias Romanticas*—thesouro precioso de bellos cantos consagrados ás doçuras da religião, aos encantos da innocencia, do amor e da liberdade.

Que bellas flores não se encontram neste rico e variegado ramalhete?!

Leiamos o *Infinito* ou a *Idéa de Deus*.

Das vagas do crystal n'um plaustro de ouro,
Levanta o sol a face no horisonte:

As nuvens passam, fulgurando em torno
Das copadas mangueiras que sussurram,
Formam nos montes um brilhante vulto:
O tumido oceano arroja as praias

cripta em commemoração ao dia 7 de setembro, já pelo assumpto nacional e já por ter sido feita com a idade de 15 annos.

⁽³⁾ Diz o Dr. José Soares de Azevedo que elle veio renovar entre nós a graciosa e singella expressão de Bernardim Ribeiro.

As ondas negro-azues. Já sobre as rochas,
Quebram-se as furias deste rei potente;
As florestas se encurvam, meneando
Seus ramos com donaire e magestade:
Gorgêa o curió, trina o canario
Na linguagem de amor por entre as flores,
Brincam ligeiros com o favonio alado.

— Lá murmurou a limpida corrente
Tão pura entre os vergeis,—Pobre romeiro,
Encostado ao bordão, palpando o solo,
Vai o passo seguindo vagaroso.
Que gratas emoções n'alma lhe fervem!
Doce galerno lhe refresca os membros—
Vai caminho da serra...—Eil-o que ufano
Além dos mundos sua vista expraia,
No seio salutar da Eternidade
Todo se abysma, e placido repoua.
Da scena matinal fugio-lhe o quadro;
Estranho á terra, já penetra ousado
O céo sublime em fervido transporte.

Que bello quadro, que admiravel perspectiva!

O poeta depois de pintar com uma simplicidade e belleza admiraveis, o despertar da natureza com todo o seu cortejo de encantos e primores; depois de apresentar um pobre romeiro, symbolo da humanidade, que arrimado ao seu bastão segue com passo vacillante o caminho da serra, e lá expraiando suas vistas pela vastidão do horisonte, esquece-se do brilhante painel da aurora e todo se absolve na contemplação do infinito, e da immensa magestade de Deus; depois de descrever n'um estylo sublime e ameno a grandeza da divindade transparecendo nos encantos e maravilhas da natureza, extatico elle exclama:

Meu Deus! para dizer quão grande e forte
Tu te elevas acima do universo,
Não me basta indagar a Natureza
Nos seus quadros tão lindos—tão mimosos;
Basta a vista embeber no seio d'alma:
A tua idéa, qual um astro, brilha,—
Fulgurante se lança além dos mundos,
Gyra no espaço, como o niveo Cysne
De longo vôo se arremessa ufano
Até teu Throno, que no céo firmaste,
Ante esse Tabernaculo sublime,
Onde o ouro, a saphira, o diamante,
A belleza e o amor meigos se enlaçam.

Basta! Não podemos transcrever-a toda, mas temos transcripto o necessario para se avaliar do merito da poesia.

Quanta belleza, quanta philosophia!

E' impossivel! O atheu de convicção é um louco ou não existe!

O homem, a não ser por capricho ou loucura, nunca poderá negar a existencia de Deus!

Assim como esta nós vemos nas—*Harmónias Românticas—A Meditação de Jesus, A Alma, A Musica, A Poesia, O Monge das Ruínas*, e muitas outras, todas ricas de inspiração e de pensamento.

(Continúa).

H. C.

HISTORIA PATRIA.

Esboço Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

(Continuação)

CAPITULO VII

Capitania de Itamaracá ⁽¹⁾

Seguindo ainda o Sr. Fernandes Gama, suspendemos por um momento o curso do nosso esboço historico para tratar da capitania de Itamaracá, que, com quanto permanecesse por algum tempo independente, todavia veio depois a pertencer á capitania de Pernambuco.

Pero Lopes de Souza tendo recebido, como já tivemos occasião de dizer, de D. João III por carta de doação ⁽²⁾ de 21 de Janeiro de 1535, 80 leguas de costa, sendo 30 desde Itamaracá até a Bahia da Traição, lançou neste mesmo anno os fundamentos de uma villa, que lhe servisse de capital, no mesmo lugar em que Christovão Jacques em 1528 fundara a feitoria de Itamaracá.

Este donatario tendo edificado e povoado a dita villa e destroçado os Petiguarés, que seduzidos por alguns Francezes impediam o seu incremento, partio para a India á serviço de El-Rei, donde depois regressando morreu em naufragio.

Por fallecimento deste e de seus succes-

⁽¹⁾ Deriva-se da palavra—*maracá*,—que na linguagem dos indios, significa *vaso que sôa*. Era este um instrumento usado por elles, já em suas guerras e já em suas festas.

⁽²⁾ Esta carta acha-se integralmente nas—*Memorias historicas da Provincia de Pernambuco*—.

sores legitimos, a capitania foi disputada por diversos parentes que se julgavam com direito á ella, vindo por fim em 1617 á ser confirmada a doação em favor do conde de Monsanto D. Luiz de Castro, passando porém em 1633 ao dominio dos Holandezes.

Expulsos este do Brasil, foi a capitania entregue por ordem da corôa ao marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro de Atayde e Souza em 1693.

Em 1763 ella passou por compra do poder desta casa para a corôa, e d'ahi em diante ficou pertencendo á Pernambuco, dependendo ainda porém da Parahyba na administração da justiça, até que por alvará de 30 de Maio de 1815 foi annexada á comarca de Olinda, criada pelo mesmo alvará.

O districto de Itamaracá comprehendia 5 freguezias, d'entre as quaes Goyanna foi sempre a mais importante já em riqueza e já em população, tanto assim que por vezes fôo cabeça da capitania.

Dada assim uma idéa, ainda que abreviada, da fundação da capitania de Itamaracá, de seus donatarios e de seu progresso material até a sua annexação com a capitania de Pernambuco, podemos no capitulo seguinte continuar com o desenvolvimento do esboço historico que pretendemos traçar.

(Continúa.)

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

(Continuação)

CAPITULO IV

MARCELLO E VALERIA.

Marcello ficou igualmente sensibilizado ante a humildade daquelle infeliz; e, no intuito de reparar o mal, que fizera, deitou-lhe a dextra sobre os hombros, dizendo:

— Sim, Milo, tu és paciente e bom; e, si todos os amigos nos abandonassem, tu permanecerias fiel.

Um lampejo de alegria indescritivel brillhou no rosto do pygmeu; sua microscopica figura perfilou-se, e elle unindo as mãos disse em tom de summo reconhecimento:

— Graças, patricio! louvado sejas pela confiança, que depositas no teu famulo!—De-

pois com a alegria expansiva de um coração não affeito ao contentamento, apertou a mão de Marcello, e, beijando-a, retirou-se afim de occultar o pranto.

— Ah! irmão, disse Valeria, supplicante, promettes-me que d'ora avante não insultarás mais a Milo e que não irás mais á taverna?

Marcello encolheu os hombros e disparou estrondosa gargalhada; em seguida, esfregando as mãos, accrescentou:

— Sim, prometto não tornal-o mais victima do meu máo humor; mas elle que não me appareça com aquelle exquisito cenho, quando eu estiver encolerizado. Quanto, porém, á taverna, é outro caso... não posso deixar de acompanhar até lá os meus amigos.

— Tanto peor para ti, redarguiu Valeria, enfadada, tanto peor si de novo cahires no Tibre.

— Tornaste-te moralista qual outro Decio; pelo que vejo, a mania de *pregar sermões* é contagiosa, bocejou Marcello.

— Não temas, replicou a joven sorrindo, as palavras de Decio me aborrecem por demais para que faça os outros passar pelo mesmo supplicio.

— Ainda bem, tornou Marcello, passeando á passos dobres, escuta: quando eu fôr rico, em vez de ir á taverna, convidarei todo dia os amigos aos meus festins. Não desejo a morte de nosso tio, mas, segundo as leis naturaes, elle deve preceder-nos na sepultura; então venderei esta casa para comprar outra mais bella, adornada de raras estatuas; mandarei construir varios tanques ou thermas, semelhantes aos de Caracala; minhas vestes serão de purpura e ouro; e Roma admirar-se-ha dos meus opiparos banquetes. Viverei qual verdadeiro sybarita; todos chamar-me-hão philosopho e sabio, porque a riqueza traz consigo o saber; sim, aquelles que forem meus convidados me proclamarão, em alta voz, tão philosopho como Diogenes, tão sabio como Seneca!

— E eu irei aos espectaculos publicos em liteiras de prata, com os braços adornados de preciosas pedrarias; me circumdarei de *bailarinas*, que deverão dançar todo o dia para divertir-me; mandarei vir d'Africa as mais exquisitas aves, e d'Asia os mais deliciosos perfumes, disse Valeria, que, vencida pelo máo exemplo, imaginava-se a mais rica patricia romana.

Engolphados em tão fallazes projectos, os dous estultos jovens não sonhavam em outra cousa mais do que em os egoisticos e criminosos gozos, que enervam a intelligencia, tolhendo-lhe os vóos, e tornam desprezível a

mulher; porque a mulher frivola e banal, que só cuida em recreios, é a gangrena da sociedade; tornando-se mãe, educará uma chusma de vadios, e, si a religião e a virtude não lhes enfreia os impetos do coração, a mais bella obra do Creador póde vir á ser a mais perniciososa e vil.

Enquanto Valeria e Marcello entregavam-se á tão doces devaneios, sobreveio Milo com uma missiva, que lhes acabava de chegar da Dalmacia.

Marcello tomou o pergaminho e, sem olhal-o, entregou-o á Valeria.

— E' uma carta de nosso tio, disse elle; vem á proposito, pois não tenho mais nem um *sestercio*.

— Enganas-te, replicou a joven, restituindo a carta á Marcello, que começou a lê-la.

A' proporção que o patricio lia, uma expressão de cruel desgosto lhe assomava ao rosto, e as mãos tremiam-lhe convulsivamente, mal sustentando a carta.

— Que tens, Marcello? perguntou Valeria anciosamente.

— Nada, respondeu o mancebo; e, passeando de um lado para outro da camara, dizia: — Destino funesto, tu me persegues... tantos bellos planos frustrados, tantos doces sonhos dissipados...

— Ah! Marcello, exclamou Valeria em pranto, não conserva a minha alma por mais tempo enleada... A certeza de uma desventura é menos cruel que a duvida.

— Tranquillisa-te, irmã, quando eu voltar saberás a verdade; agora devo deixarte... Tenho mil amigos, que muitas vezes me colmaram de generosos offerecimentos; corro ao encontro delles.

Deixando a pobre Valeria immersa em dolorosa incerteza, Marcello retirou-se. Depois de haver percorrido um longo caminho, ultrapassou os limites de Numenta, chegando a uma cidade onde muitos amigos seus reuniam-se para jogar o xadrez; e, tendo ingresso em uma casa, que surgia no meio de gigantescos pinheiros, penetrou na sala onde achavam-se os seus ociosos companheiros, os quaes saudaram-n'o com todo o entusiasmo.

Marcello começou por narrar aos seus amigos como salvára-se do rio; d'ahi passou a ler a carta, que levava, scientificando-os da funesta noticia, que acabava de receber, isto é, que seu tio, morrendo de repente, lhe deixára uma herança de dividas.

— Teu tio foi um sabio, e tu tens razão de affligir-te, disse um dos jogadores, rindo.

— Com o meu tio acabaram-se as minhas rendas, accrescentou Marcello exasperado; si

me fosse possível occultar o meu estado aos credores, disto resultaria a minha regeneração, conseguindo mesmo salvar alguma cousa do naufragio; porém, por cumulo de desgraças, não possuo um ceitil, e os usurarios não se confiarão mais em mim, si impellido pela extrema necessidade, pedir-lhes alguma cousa, porque

Marcello interrompeu a sua narração; era a primeira vez que pedia dinheiro aos seus amigos, e a vergonha fazia-o corar e emmudecer.

Os patricios contemplaram o seu amigo com surpresa misturada de escarnecedora piedade; e uma voz siquer não foi capaz de repetir-lhe os offerecimentos tantas vezes feitos ao supposto rico, pois que arreceiavam-se do pobre individado.

Marcello contemplou seus companheiros, que permaneciam silenciosos; amargo sorriso esflorou-lhe os labios. Não querendo humilhar-se a fazer-lhes inuteis supplicas, sahio daquella casa, e afastando-se da cidade, dizia amargamente: — Eu os suppunha meus amigos, e eram os amigos dos meus banquetes!...

Marcello, no auge da desesperação, não sabia que partido tomar; o seu mal entendido orgulho o impedia de aconselhar-se com Decio, e quasi insano maldizia a mão piedosa que o tirára do Tibre; em vez de notar na desventura, que o fulminára, uma justa punição da sua libertinagem, imprecava o genero humano, exclamando como Caligula: « Quizera que todos os homens tivessem uma só cabeça para ter o gosto de cortal-a d'um só golpe! »

Não tendo coragem sufficiente para dar a Valeria a infausta noticia, vagabundeava pelas ruas de Roma quasi doudo, e não raras vezes teve vontade de precipitar-se no rio e assim pôr termo á existencia com um crime muito mais grave do que seus passados erros. Finalmente cansado de vagar sem destino, cobrou animo e volveu a sua casa, afim de contar a Valeria a imprevista desgraça, que so surprehendera mesmo quando se inebriavam com as delicias de uma vida desenfreada.

(*Continúa*).

Imitado de uns versos hespanhóes.

As avezinhas, que no espaço adejam,
As velas, que andam pelo mar errantes,
N'um ponto certo vão parar um dia
Ou cedo ou tarde.

São avezinhas meus dourados sonhos,
São avezinhas, são errantes velas;
Mas ah! na vida não encontro algures
Arvor', nem porto.

Francino Cismontano.

Souvenir.

(A minha esposa, no dia do seu anniversario.)

Bello nome d'Esposa! Quanta graça,
Quanto mimo do céo tal nome encerra!
É's mais que um anjo para mim, és deusa,
Teu solio firmas muito além da terra.

(*Dr. A. R. de Torres Bandeira.*)

Por entre jardins e flores,
Passei a minha existencia:
As flores davam-me essencia,
Os jardins muitos primores.
Colhia muitas saudades,
Muitas boninas mimosas,
Muitas florinhas viçosas,
Das mais primorosas côres!

Colhi muitas dhalias lindas,
Muitas violetas formosas,
Mas nunca encontrava rosas,
Em manhãs de primavera.
Sahi dos jardins fagueiros,
Deixei nas hasteas as flores,
Caminhei por entre alvôres
Cheguei do céo á esphera!

Não só estive cercado,
Das rosas que eu procurava,
Como d'anjos que adorava,
Com febril, santa paixão!
Acheguei-me da mais bella,
Ao mais lindo me cheguei,
E junto de ti me achei,
Meu idolo de adoração!

Agora que eu tenho a rosa,
Que o anjo p'ra sempre adoro;
Ao Senhor Deus eu imploro
Uma feliz existencia!
Para a rosa, eu tenho n'alma
Um jardimzinho mimoso:
Para o anjo, grandioso,
Um throno por excellencia.

Rio de Janeiro—1875.

A. I. de Torres Bandeira.

Ode anacreontica.

DESENGANO.

Mas não... inda uma vez... não posso ainda
Dizer o eterno adeus.

A. DE AZEVEDO.

Bella Yayá,
Se te amei,
E dediquei
Doce afeição,

Culpa não tive
De te amar,
E cultivar
Terna paixão.

Pois s'eras bella,
Qual flor mimosa,
Terna e airosa,
N'haste a florir,

Porque razão
Vendo-tê bella,
Leda, singella,
Não te sorrir?!

Se á tua face
De côr morena,
Gentil, amena,
Dei attenção,

Fui eu culpado
De te adorar,
E consagrar
Louca paixão?

Acaso o norte
Despreza a rosa,
Que tão formosa,
N'haste balança?

Acaso o nauta
No mar perdido
Deixa em olvido
Tarda bonança?

Acaso a rôla,
Triste arrulando,
Seu mal chorando,
Não sente amor?

Acaso o zephiro
Sempre inconstante,
Não beija amante
Do lyrio a flor?

Assim, Yayá,
Meu pobre peito,
Por ti sujeito,
Viveu carpindo,

Assim ditoso
Amor gozou,
Assim penou
Amor sentindo.

Mas qual da flor
Vai-se o odor,
O meu amor
Foi inconstante,

Eu já te amei,
Hoje te esqueço!
Não te mereço!
Busca outro amante.

Despreza o bardo
Que te deixou,
E olvidou
Os teus encantos.

Perdôa o vate
Sem coração!
Ouve a canção,
São os meus prantos.

Maio de 1876.

*Alcipreste.***Recordação**

Deidade ou anjo, que prazer immenso
Beber-te as fallas, segreda-te um beijo!
Por tal ventura trocaria ufano
Thronos, imperios com seu vão cortejo.

Se em teus olhos, facinantes, lindos
Podesse ao menos ter uma esperança,
Quanta alegria sentiria n'alma!
A dor matara que meu peito causa.

Vi os teus olhos pela vez primeira,
E logo o espinho da paixão ferio-me,
Quiz esquecel-os, mas baldado esforço,
Senti a chaga que no peito abrio-me.

Mulher ou anjo, que poder occulto,
Com que lutar eu pretendi em vão!?
Não vês, não sentes o pulsar dorido
Que tu motivas ao meu coração?

Sim, és creança, és anjinho trafego,
Bricar só sabes, para ti ha flores
No val o prado, tudo é candura,
O ar mais puro te bafejas odores.

Ah! desconheces, ignoras quanto
Martyrio ás vezes um olhar produz!
Tem tal encanto, tal margia e força
Que nos transporta, nos attrahe seduz.

Eu que contava de combates cento,
Que vi d'estrellas o luzir brilhante,
Não tive forças, á teus pés me curvo
E me confesso já vencido amante.

28 de maio de 1876.

M.

Soneto.

II

Qual varia mariposa, que enlevada
Na coruscante luz da vela accesa
Gyra-lhe em torno como douda e presa.
Té que por gosto vê-se alli queimada:

Tal eu, formosa Estella, oh! minha amada,
Rendido á tua olympica belleza,
Quasi insano á ti corro com presteza,
Disposto a tudo, sem temor de nada:

E, por mais que a razão me brade e exorte,
Na luz desses teus olhos incendiada
Abraso-me em phrenetico transporte:

Mas, oh! querido bem, joia querida!
Não importa encontrar nelles a morte....
Que a morte por amor antes é vida.

Revista.

Recebemos o discurso pronunciado pelo Sr. Dr. Aprigio Guimarães, na cadeira do 2.º anno, por occasião do passamento do nosso prezado mestre Dr. José Antonio de Figueiredo, e publicado pelos estudantes do mesmo anno, como homenagem ao seu distincto autor e ao illustre morto.

Comquanto nos afastemos em alguns pontos do modo de pensar do Dr. Aprigio quanto ás idéas do Dr. Figueiredo, todavia ainda uma vez tivemos occasião de admirar a eloquencia e energia com que o nosso mestre patenteia os males que affligem a nossa sociedade, e censura-os com toda força de seu verbo entusiasta.

Fomos mimoseados tambem com o volume de poesias do Sr. Dr. Rogueira Costa. Eximimo-nos de fazer aqui qualquer apreciação sobre o merito destas preciosas flores com tanto esmero *transplantadas* dos jardins europeus e orientaes, attendendo a que já dellas se occuparam, entre outros,

os Srs. J. F. de Castilho e Soares de Azevedo, constituindo os seus juizos a melhor recommendação, ainda que ha quem negue a este ultimo a autoridade e competencia sobre semelhante materia.

— Deixemos passar a justiça dos *litteratos modernos*. —

Ainda recebemos do mesmo autor um folheto contendo o *regimento interno para as escolas publicas*, organizado por elle, quando inspector geral interino da instrucção publica.

Quanto ao seu merecimento, falla bem alto a sua approvação, agora que não está mais na inspectoría.

A' todas estas offertas nos confessamos summamente gratos.

Alabama.—Fomos obsequiados com alguns numeros deste periodico critico e chistoso, que se publica na capital da Bahia. Entrou já elle no 14.º anno de existencia

Trabalho.—Assim se intitula um periodico, orgão typographico, que começou a publicar-se em S. Paulo. São interessantes os seus artigos.

Onze de Agosto.—Recebemos tambem os ns. 1, 3 e 4 deste periodico, que se diz orgão dos estudantes de preparatorios de S. Paulo. Trazem estes numeros bem elaborados artigos, fazendo assim esperar muito de sua publicação.

Academia de S. Paulo.—Com este titulo mais um campeão atirou-se do seio da mocidade academica daquella cidade á arena jornalística. Redigido por jovens bem intelligentes, como se vê de seus artigos, diremos que este periodico honra aos academicos de S. Paulo.

Continuamos a receber os periodicos: *Academos*, *Estréa*, *Lucta*, *Liberal Victoriense*, *Victoriense* e *Popular da Victoria*.

A' todas as redacções agradecemos e retribuiremos a offerta.

Correcção.—Nã poesia — Magdalena — que foi publicada no numero passado, em vez de *lodaças* leia-se *lodosas*, e das *falsas brisas*, — de falsas brisas.